

**O Salmo contra a facção de Donato, ou Salmo Abecedário, de Agostinho de Hipona: comentários e tradução de um poema popular do século IV**

Márcio Meirelles Gouvêa Júnior  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
gouvea.bh@terra.com.br

**RESUMO:** No início da vida religiosa, Agostinho de Hipona escreveu o *Salmo contra a facção de Donato*, um sermão contra o cisma donatista que, havia um século, rompera a unidade da igreja católica na África Proconsular. Nessa obra, Agostinho inovou as regras da poética clássica, elaborando um poema de feição popular, de fácil entendimento e memorização. Influenciado pelos ritmos norte-africanos, baseados no isossilabismo e no paralelismo da acentuação das palavras, e não na quantidade das sílabas longas e breves, ele produziu uma das mais inovadoras obras da literatura antiga. Este artigo apresenta a primeira tradução poética para o português do *Salmo*, elaborada em redondilhas maiores (versos septissílabos), dada a semelhança rítmica possível entre os versos originais e a opção tradutória. Pretendeu-se fornecer ao leitor um panorama histórico mínimo à melhor compreensão do poema. Foi incluída neste trabalho uma análise estrutural da obra, para a sistematização de seu conteúdo.

**Palavras-chave:** Agostinho de Hipona; donatismo; métrica; tradução poética.

**The Psalm against the Donatists, or the Alphabetical Psalm, by Augustine of Hippo: comments and translation of a popular poem from the 4<sup>th</sup> century**

**ABSTRACT:** Early in his religious life, Augustine of Hippo wrote the *Psalm against the sect of Donatus*, a sermon against the Donatist schism which, a century ago, had broken the unity of the Catholic Church in Proconsular Africa. In this piece, Augustine innovated the rules of classical poetics, elaborating a poem of popular feature, immediate understanding and memorization. Influenced by North African rhythms, based on isosyllabism and on the parallelism of the accentuation of the words, and not on the number of long and short syllables, he produced one of the most innovative works of ancient literature. This article presents the first poetic translation of this *Psalm* into Portuguese, written in large roundels (septisyllable verses), given the possible rhythmic similarity between the original verses and the translated version. It was intended to provide the reader with a minimum historical overview for a better understanding of the

O *Salmo contra a facção de Donato*, ou *Salmo Abecedário*, de Agostinho de Hipona: comentários e tradução de um poema popular do século IV

poem. A structural analysis of the work was included in this paper, for the systematisation of its content.

**Keywords:** Augustine of Hippo; Donatism; metric; poetic translation.

No final de 393, *Aurelius Augustinus*, recém ordenado presbítero da igreja de Hipona, começou uma ardorosa batalha contra os donatistas – a facção religiosa radical que dominava o norte da África havia quase um século. Sua firme disposição foi assim descrita por Possídio de Calame, seu primeiro biógrafo: *Et haec diebus ac noctibus ab eodem iugiter agebantur* – “E dia e noite ele se consagrava sem cessar a esse trabalho”.<sup>1</sup> Prova de tal empenho são as dezenove obras contra os donatistas relacionadas nas *Retratações*<sup>2</sup> – livro em que, no fim da vida, Agostinho catalogou, explicou e corrigiu quase toda a sua produção intelectual (FITZGERALD, 2019b, p. 848).

A obra com que Agostinho iniciou as pregações contra os donatistas foi uma composição incomum no conjunto de sua produção literária (VAN GEEST, 2016, p. 22.). O *Psalmus contra partem Donati* (“Salmo contra a facção de Donato”) é um texto elaborado em versos para serem cantados nas liturgias – o único do gênero mencionado nas *Retratações*:

*Volens etiam causam Donatistarum ad ipsius humillimi uulgi et omnino imperitorum atque idiotarum notitiam peruenire, et eorum quantum fieri per nos posset inhaerere memoriae, Psalmum qui eis cantaretur per Latinas litteras feci, sed usque ad V litteram. Tales autem abecedarios appellant. Tres uero ultimas omisi; sed pro eis nouissimum quasi epilogum adiunxi, tamquam eos mater alloqueretur Ecclesia. Hypopsalma etiam, quod respondetur, et prooemium causae, quod nihilominus cantaretur, non sunt in ordine litterarum; earum quippe ordo incipit post prooemium. Ideo autem non aliquo carminis genere id fieri uolui, ne me necessitas metrica ad aliqua uerba quae uulgo minus sunt usitata compelleret. Iste Psalmus sic incipit: Omnes qui gaudetis de pace, modo uerum iudicate, quod eius hypopsalma est.*<sup>3</sup>

Querendo que a causa dos donatistas chegasse também ao conhecimento do povo mais humilde e, sobretudo, dos ignorantes e incultos, e para que pudesse ficar, por meio de nós, gravada em sua memória, compus um salmo para que fosse cantado, daqueles que são chamados de *abecedários*, segundo o alfabeto latino, mas tão só até a letra “V”. Quanto às últimas três letras, eu as omiti; acrescentei, porém, uma parte final – um epílogo –, como se a mãe igreja estivesse falando com eles. Há também um refrão (*hypopsalma*), com o qual se responde, e um proêmio da causa, que

<sup>1</sup> Todas as traduções do latim foram feitas pelo autor deste artigo. Possidius Calam., *Vita Aug.* 9.2

<sup>2</sup> August. *Retract.* 1,20; 1,21; 2,5; 2,17; 2,18; 2,19; 2,25; 2,26; 2,27; 2,28; 2,29; 2,34; 2,35; 2,39; 2,40; 2,46; 2,48; 2,51; 2,29.

<sup>3</sup> August. *Retract.* 20.

do mesmo modo deve ser cantado, e que não está na ordem das letras, pois a ordem alfabética começa depois do proêmio. Além disso, eu não quis que pertencesse a nenhuma espécie poética, para que a exigência métrica não me obrigasse a usar algumas palavras que não são usadas pelo povo. Esse salmo começa assim: “Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar”, que é também o seu refrão.

A natureza poética do *Psalmus* é uma exceção no conjunto da obra agostiniana, composta quase toda em prosa. Apesar de ser de sua autoria o tratado *De Musica*, um manual de métrica clássica iniciado por volta de 387, quase nada se conhece de sua produção em versos. De suas composições juvenis, o relato parcialmente biográfico das *Confissões* traz a informação da participação de Agostinho em torneios literários na cidade de Cartago, e da escrita de certo *theatricum carmen*,<sup>4</sup> quiçá graças ao qual ele noticiou haver sido laureado pelas mãos do procônsul.<sup>5</sup> No entanto, nenhum verso da obra cênica se preservou.

Preservou-se, contudo, um epitáfio atribuído a ele com razoável grau de certeza<sup>6</sup> (GSELL, 1922, p. 8). Trata-se de um breve poema dedicado a Nabor, diácono em Hipona morto pelos donatistas no final do século IV (MANDOUZE, 1982, p. 769). Composto em hexâmetros, as letras iniciais de seus versos constroem um acróstico, com a explicitação da função eclesiástica do falecido.

74

*Donatistarum crudeli caede peremptum*  
*Infossum hic corpus pia est cum laude Nabori.*  
*Ante aliquod tempus cum donatista fuisset,*  
*Conuersus pacem, pro qua moreretur, amauit.*  
*Optima purpureo uestitur sanguine causa.*  
*Non errore perit, non se ipse furore peremit,*  
*Uerum martyrium uera est pietate probatum*  
*Suspice litterulas primas: ibi nomen honoris.*

<sup>4</sup> August. *Conf.* 4.1.1: *hac popularis gloriae sectantes inanitatem, usque ad theatricos plausus et contentiosa carmina et agonem coronarum faenearum* - “persequimos a futilidade da glória popular até os aplausos no teatro, os concursos de poesia e a disputa pelas coroas de feno”. Apesar de Agostinho não apresentar nenhum verso ou indicação sobre o tema dessa obra teatral, Stanislaw Longosz sustenta a possibilidade de tratar-se de uma adaptação da *Medeia*, de Eurípides (LONGOSZ, 1991, p. 183-184).

<sup>5</sup> August. *Conf.* 4.3.5: *Erat eo tempore vir sagax, medicinae artis peritissimus atque in ea nobilissimus, qui pro consule manu sua coronam illam agonisticam imposuerat non sano capiti meo, sed non ut medicus*. “Havia naquele tempo um homem sagaz, perito em medicina, arte em que ele era muito reconhecido. Fora ele que, como procônsul, pusera com sua mão aquela disputada coroa em minha insana cabeça, e não como médico”.

<sup>6</sup> Brent Shaw considera verdadeira a atribuição do Epitáfio de Nabor a Agostinho (SHAW, 2011, p. 624), em uma opinião acompanhada por Gillian Clark (CLARK, 2017, p. 426, n. 6).

Dos donatistas pelo golpe cruel tombado,  
inumado está aqui, Nabor com pias loas.  
Antes, com os donatistas, por um tempo estive;  
converso, então, amou a paz, por que morreu.  
O corpo ensanguentado pela melhor causa,  
não por erro morreu. Não se matou por fúria.  
Um martírio é posto à prova na piedade.  
Seleciona as primeiras letras: eis seu cargo.

Por sua vez, no livro XV da *Cidade de Deus*, o tratado mais longo e ambicioso do bispo de Hipona, ele registrou como de sua autoria três hexâmetros de um poema intitulado *Laus Cerei*, ou “Louvor ao Círio”, provavelmente composto para a liturgia da vigília pascal (VAN GEEST, 2016, p. 21; CLARK, 2017, p. 425).

*Haec tua sunt, bona sunt, quia tu bonus ista creasti.  
Nihil nostrum est in eis, nisi quod peccamus amantes  
Ordine neglecto pro te, quod conditur abs te.*<sup>7</sup>

Tudo isso é teu e é bom, pois tu, que és bom, o criaste.  
Nada é nosso, senão, pecarmos quando amamos,  
Fora de ordem, em teu lugar o que fizeste.

Por outro lado, vê-se que mesmo no âmbito da exígua produção poética conhecida de Agostinho, o *Psalmus contra partem Donati* destoa por suas características formais, uma vez que os outros três registros conhecidos parecem ter sido compostos segundo as estritas regras da métrica e da prosódia clássica, em contraposição à sua obra inaugural contra os donatistas, cuja inédita estrutura analisar-se-á adiante.

## 1. Os donatistas

Uma breve contextualização é necessária para melhor compreensão do *Psalmus*. Afinal, apesar das referências hinárias bíblicas contidas no seu título e em sua estrutura estrófica abecedária, assemelhada à do Salmo bíblico 118 (119 Heb.), ele não pode ser considerado um canto religioso. É antes um chamado à paz e à unidade da igreja dirigido aos donatistas; é o pedido de interrupção do movimento separatista que os levava a um dos mais longevos e sangrentos cismas do catolicismo primitivo norte-africano. Por isso, na tentativa de convencimento dos dissidentes, o foco de Agostinho não foi teológico, mas político. Isso porque,

---

<sup>7</sup> August. *De civ. D.* 15. 22

só no início do cisma as discordâncias dos donatistas em relação católicos foram de fato teológicas, relacionadas à obrigatoriedade da pureza dos membros para sua aceitação na comunidade e à validade do batismo celebrado pelos apóstatas. Como se verá, a eclosão do conflito violento adveio de discordâncias quanto à sucessão da sé episcopal de Cartago.

Preliminarmente, note-se que o substrato religioso local propiciador do surgimento do cisma donatista era impregnado da mais antiga tradição martirológica norte-africana (FRIEND, 1952, p. 87-88; 143; WHITEHOUSE, 2016, p. 21), que valorizava o sacrifício da própria vida na profissão de fé, e graças ao qual se alcançaria a salvação eterna. Atesta-o Tertuliano, que, ao se referir às perseguições contra os cristãos durante o governo de Marco Aurélio, considerou-as uma concessão divina aos perseguidos, com a finalidade de lhes propiciar o martírio santificador: *Plures efficimur, quotiens metimur a vobis: semen est sanguis Christianorum* - “Pois nos tornamos mais numerosos cada vez que nos colheis: é a semente do sangue cristão”.<sup>8</sup>

Foi, portanto, nesse contexto de radicalismo religioso-social que medraram as origens das discórdias. Suas razões tiveram início durante a Grande Perseguição ordenada por Diocleciano (303-305), quando foi instituído o *dies traditionis* - o dia da entrega. Naquela data os clérigos cristãos deveriam entregar às autoridades romanas os seus livros sagrados e objetos de culto, sob a pena da condenação ao martírio. Premidos pela ameaça, alguns bispos, sobretudo os oriundos da África Proconsular, cumpriram as determinações do império: queimaram incenso nos altares pagãos e atiraram as Escrituras às fogueiras (FRIEND, 1952, p.4), escapando, assim, do suplício após a abjuração da crença cristã. Outros clérigos, porém, em sua maioria da Numídia, preferiram esconder-se ou enfrentar o martírio a cometer a apostasia (FRIEND, 1952, p. 8).

Terminada, porém, a Grande Perseguição, aqueles que, a despeito da violência imperial, haviam resistido à entrega dos livros sagrados e sobrevivido às torturas e ao martírio, opuseram-se ao acolhimento dos renegados de volta às suas igrejas. Conta-o *Optatus Afer*, ou *Optato* de Milevo, fonte mais próxima e quase exclusiva dos acontecimentos, que teve, para subsídio de sua narrativa, um privilegiado acesso aos relatórios e cartas de Constantino (BARNES, 1975, p. 13). Os radicais, na maioria sobreviventes númeras, passaram a chamar os apóstatas de *traditores*, em razão do ato da *traditio*, ou seja, da entrega dos livros sagrados às autoridades romanas (HUNINK, 2011, p. 391; MARKUS, 2019, p. 354). Além disso, consideravam a abjuração uma falta gravíssima, a ponto de só permitirem o retorno dos perjuros à comunidade e à comunhão dos fiéis muito raramente, e só após longa expiação, e de não considerarem válidos os sacramentos por eles ministrados (FRIEND, 1952, p. 119-120; 167).

---

<sup>8</sup> Tert. *Apol.* 50.13

As desavenças entre os radicais e os católicos ganharam expressão violenta em 305. A deflagração ocorreu com a eleição do sucessor de Mensúrio no episcopado de Cartago (WHITEHOUSE, 2016, p. 22). Isso porque os bispos da África Proconsular, em desacordo com o costume da presença de doze sacerdotes para a consagração de um novo bispo (FRIEND, 1952, p. 12), escolheram Ceciliano, o arqui-diácono do falecido Mensúrio, sem esperarem a chegada e os votos das delegações episcopais da Numídia, suas adversárias, por o considerarem um *traditor*. Com efeito, os bispos númidas não reconheceram a eleição de Ceciliano. Exigiram a convocação de um concílio, que se estabeleceu no mesmo ano, sob a liderança de Secundo de Tigisis, primaz da Numídia. Terminado o concílio, Ceciliano foi deposto e, em seu lugar, Maiorino, um clérigo radical contrário aos *traditores*, foi eleito bispo de Cartago (HUNINK, 2011, p. 391). Maiorino permaneceu nesse cargo até à morte, em 313, quando foi substituído por Donato de Casa Negra, que, a partir de então, haveria de dar nome ao movimento cismático.

Entretanto, no mesmo ano da deposição de Ceciliano, a questão da legitimidade do ocupante da sé cartaginesa foi levada pelos bispos da África Proconsular ao arbítrio de Constantino, que desde o início de seu reinado havia se mostrado favorável aos católicos. Contudo, ele preferiu convocar um tribunal para a solução da lide, e mandou convidar cinco bispos gauleses para o comporem. Concluído o julgamento, a decisão proferida foi favorável aos cecilianistas. Por isso, de novo inconformados, os bispos da Numídia, já denominados donatistas, voltaram a recorrer à jurisdição do imperador, que aceitou a reclamação e convocou, no ano seguinte, em 314, um concílio na cidade de Arles. Nesse concílio, mais uma vez, a decisão favoreceu os bispos católicos. E, de novo, os donatistas recusaram o veredito e recorreram mais uma vez a Constantino, que, em 316, ratificou a decisão dos bispos da Gália, e, no ano seguinte, promulgou as leis antidonatistas. Essas normas vigoraram até 321, quando foram revogadas por um edito imperial de tolerância. Com isso, católicos e donatistas foram obrigados a conviver no mesmo espaço geográfico, a despeito da tensão que se instalou entre eles (WHITEHOUSE, 2016, p. 24).

Os conflitos recrudesceram em 347, sob o governo de Constâncio II. O novo imperador havia enviado a Cartago dois notários – Macário e Paulo (FRIEND, 1952, p. 177-179) –, com a missão de investigarem e pacificarem a controvérsia (TILLEY, 1996, p. xxxii). No entanto, uma vez que Macário desde o início dos trabalhos havia se mostrado favorável aos católicos, os donatistas insurgiram-se contra a sua presença, sob o argumento de que os assuntos da igreja não interessavam ao Estado romano. Nessa tensão entre os notários e a população local, Macário e Paulo, durante uma viagem de Theveste a Thamugadi, precisaram reprimir com violência os protestos dos donatistas, que,

então, chamaram para confrontar as tropas imperiais os “circunceliões”, a ala mais radical dos partidários de Donato, e que considerava a violência contra os católicos um ato de piedade (FITZGERALD, 2019a, p. 233). No novo confronto, o partido de Donato foi outra vez vencido, e o líder da seita, retirado do trono episcopal, foi expulso de Cartago. Contudo, o movimento donatista e a prática de rebatizar os católicos não foram interrompidos, e o cisma foi mantido.

Foi, portanto, nesse ambiente de conflitos e tensões que Agostinho, recém ordenado presbítero do bispo Valério de Hipona, começou sua campanha contra o movimento donatista (WHITEHOUSE, 2016, p. 25). No fim da vida, ele assim o descreveu:

*DONATIANI uel DONATISTAE sunt qui primum propter ordinatum contra suam uoluntatem Caecilianum Ecclesiae Carthaginensis episcopum schisma fecerunt, obicientes ei crimina non probata, et maxime quod a traditoribus diuinarum Scripturarum fuerit ordinatus. Sed post causam cum eo dictam atque finitam falsitatis rei deprehensi, pertinaci dissensione firmata, in haeresim schisma uerterunt, tamquam Ecclesia Christi propter crimina Caeciliani, seu uera, seu, quod magis apparuit iudicibus, falsa, de toto terrarum orbe perierit, ubi futura promissa est, atque in Africana Donati parte remanserit, in aliis terrarum partibus quasi contagione communionis extincta. Audent etiam rebaptizare Catholicos, ubi se amplius haereticos esse firmarunt, cum Ecclesiae catholicae uniuersae placuerit nec in ipsis haereticis baptismum commune rescindere.<sup>9</sup>*

Donatianos ou Donatistas. Foram os primeiros a fazer o cisma, porque Ceciliano fora ordenado bispo da igreja de Cartago contra a vontade deles, que o culpavam de crimes não comprovados e, sobretudo, de haver sido ordenado pelos *traditores* das Divinas Escrituras. Mas depois que a causa contra ele foi julgada e concluída, e eles foram declarados culpados de falsidade e foi denunciada a sua teimosa dissensão, eles transformaram o cisma em heresia, como se a Igreja de Cristo, pelos crimes de Ceciliano, verdadeiros ou, como mais claramente parecia aos juízes, falsos, houvesse perecido em todo o orbe das terras, onde havia sido prometido que sempre existiria; e que, portanto, [a Igreja] havia permanecido apenas na facção africana de Donato, visto que nas outras partes da terra foi extinta, por haver sido contagiada pela comunhão (com Ceciliano). Eles também ousam rebatizar os

<sup>9</sup> August. *haer*, 69.1.



católicos, no que mais se confirma que são hereges, quando toda a Igreja Católica não concorda em anular a comunhão do batismo nem dos próprios hereges.

## 2. O poema

Como visto, a excepcionalidade do *Psalmus* no conjunto da obra agostiniana não se manifesta em sua estrutura poética. Destaca-se sobretudo por sua condição inovadora e transgressiva em relação à *ars poetica* latina ainda em voga. Como Agostinho afirmou na já referida passagem das *Retratações*, não era seu objetivo que o “Salmo contra a facção de Donato” pertencesse a algum já consagrado *genus carminis* (“espécie poética”), considerando, para tanto, a aceção do substantivo latino *carmen* como uma obra composta por meio da sequência de palavras dispostas segundo as regras da poesia clássica.

Neste ponto, para clareza da exposição, é importante que sejam determinados dois conceitos relacionados ao estudo do *Psalmus*: o de métrica e o de ritmo. Para tanto, é de particular valia a definição atribuída a Mário Vitorino, um autor também provindo da África Proconsular, conhecido, admirado e citado por Agostinho nas *Confissões*.<sup>10</sup> No início do *Ars Palaemonis de Metrica Institutione*, um estudo sobre a métrica dos hexâmetros, Mário Vitorino escreveu:

*Metrum poeticum quid est? Versificandi disciplina certa syllabarum ac temporum ratione in pedibus observata. (...) Rhythmus quid est? Verborum modulata compositio non metrica ratione, sed numerosa scansione ad iudicium aurium examinata, ut puta veluti sunt cantica poetarum vulgarium. (Marius Victorinus, De metris et de hex. 1)<sup>11</sup>*

O que é a métrica poética? É a disciplina da versificação, com a observação da correta disposição de sílabas e tempos no interior dos pés métricos. (...) O que é o ritmo? É a composição modulada de palavras, não segundo a razão métrica, mas de acordo com a escanção numérica aprovada pelo juízo dos ouvidos, como são consideradas as canções dos poetas populares.

Da análise do trecho, além da definição de dois modelos de cadência existentes em seu tempo, um métrico quantitativo e outro rítmico acentual, Mário Vitorino testemunhou a coexistência de dois registros poéticos – um, erudito e baseado no conhecimento das regras da *ars poetica*, e outro, popular, construído a partir da sonoridade da sequência regular das sílabas tônicas nos versos.

<sup>10</sup> August. *Conf.* 8.

<sup>11</sup> Texto segundo a edição de Keil (MARIUS VICTORINUS, 1874).

Então, tendo em vista esses dois registros de produção poética praticados no século IV, percebe-se que, em uma elaboração cuidada e bem pensada, Agostinho preferiu escrever uma obra de aparência popular e não clássica (BAXTER, 1952, p. 18; SPRINGER, 1984, p. 65; CLARK, 2017, p. 434). Por isso, ele não apenas tornou o conteúdo expresso de seu *Psalmus* deliberadamente acessível à audiência, com uma estrutura paratática concisa, versos com sentido completo, vocabulário fácil e estilo simples, capazes de propiciar a clara exposição do problema do donatismo aos fiéis locais (HUNINK, 2011, p. 393). Do mesmo modo, ele o dotou de uma nova cadência, à semelhança do ritmo das “canções dos poetas populares”.

Esse novo ritmo é de imediata percepção, imanente na leitura dos versos originais do *Psalmus*. Reconhece-se que Agostinho abandonou a estrutura quantitativa dos pés métricos, impossibilitando que os versos se encaixassem nos modelos conhecidos e relacionados nos manuais poéticos clássicos, entre os quais o próprio *De Musica* (BEARE, 1957, p. 248; SPRINGER, 1984, p. 68). Afinal, no *Psalmus*, a cadência surge pela regular disposição do acento das palavras, sobretudo as penúltimas sílabas dos hemistíquios. E sabemos que Agostinho também o fez sob a alegação de que a rigidez da sequência de sílabas longas e breves poderia exigir dele o uso de palavras inadequadas ao entendimento de sua audiência.<sup>12</sup> Ressalte-se, mais uma vez, que essa preocupação com a recepção de sua obra era constante nas prédicas que fazia, como se depreende de seu estudo de arte oratória, na *Doutrina Cristã*:

*Quamuis in bonis doctoribus tanta docendi cura sit, vel esse debeat, ut uerbum quod nisi obscurum sit uel ambiguum, latinum esse non potest, uulgi autem more sic dicitur ut ambiguitas obscuritasque uitetur, non sic dicatur ut a doctis, sed potius ut ab indoctis dici solet.*<sup>13</sup>

Entretanto, entre os sábios doutores, o cuidado em instruir é, ou deve ser, tamanho que, se alguma palavra não pode ser latina sem ser ao mesmo tempo obscura ou ambígua, ao passo que se a mesma coisa for dita ao modo popular evitará as ambiguidades e obscuridades, não se deve falar como os doutos, mas antes, como costumam falar os indoutos.

E foi, portanto, nessa busca pela clareza na exposição e de eficácia de propagação de seu conteúdo, que Agostinho, no concernente ao ritmo do poema, adotou sua maior inovação, numa alteração transgressiva e inovadora da

---

<sup>12</sup> August. *Retract.* 20.

<sup>13</sup> August. *Doctr. chr.* 4.10.24.

estrutura, praticamente inédita na literatura escrita latina (ROSE, 1927, p. 385; LAMBOT, 1935, p. 312; HUNINK, 2011, p. 392; CLARK, 2017, p. 438). Os fatores particulares que o influenciaram são conjecturáveis. Provavelmente sob influência maior da forte tradição popular nativa norte-africana de composição poética oral a partir do uso do ritmo acentual (ROSE, 1927, p. 390; HUNINK, 2011, p. 395), ele substituiu os arranjos métricos prosódicos por uma combinação do isossilabismo dos versos com o paralelismo dos acentos em posições fixas nos hemistíquios e das onipresentes rimas finais em “e”, tendo por resultado uma cadência homogênea e eficaz (MAMMÌ, 1993, p. 99; NODES, 2009, p. 391).

Por sua vez, inserindo-se na tradição eclesiástica cristã de entoação dos salmos bíblicos durante as liturgias, Agostinho, provavelmente emulando os textos veterotestamentários, também conferiu ao seu novo salmo latino algumas das características dos hinos hebreus, como a estrutura estrófica, a composição acróstica alfabética, as analogias e paráfrases evangélicas, tais como a do lobo em pele de cordeiro (v. 34) e a do ramo da videira (v. 234-236) (SPRINGER, 1984, p. 68). Além disso, agora no campo estritamente literário de seu *Psalmus*, ele incluiu um forte paralelismo de ideias e as repetições, antíteses e anáforas, recorrentes nos salmos bíblicos (VAN GEEST, 2016, p. 25).

Do mesmo modo, é provável a influência da produção hinária litúrgica de Ambrósio de Milão sobre a composição do *Psalmus*, ou seja, a aplicação por Agostinho das técnicas poéticas aprendidas durante o período milanês de sua estada na Itália.<sup>14</sup> Note-se, porém, que os hinos de Ambrósio foram compostos em metro tradicional, utilizando dímeters jâmbicos sob as estritas regras de escansão, caracterizados pela sucessão de sílabas breves e longas, com a predominante manutenção das vogais tônicas gramaticais coincidentes com os *ictus* dos pés, ao passo que os versos de Agostinho não levam em consideração a extensão das vogais, tão somente sua sonoridade acentual.

Por fim, a prática donatista de composição de salmos, referenciada por Agostinho na *Carta* 55, escrita para Januário em torno do ano 400,<sup>15</sup> provavelmente também atuou para o influenciar na escolha da estrutura bíblica do poema, sobretudo a partir da difusão dos salmos de Parmeniano, bispo donatista que os havia composto em dísticos rimados, à semelhança do que Agostinho faria no *Psalmus* (FRIEND, 1952, p. 194; NODES, 2009, p. 392). Afinal, se a tentativa de exposição do erro do cisma e a peroração em prol da unidade da igreja eram endereçadas aos donatistas, a opção de utilização de uma forma de

<sup>14</sup> Cf. August. *Conf.* 9.6.14-17.

<sup>15</sup> *ita ut Donatistae nos reprehendant, quod sobrie psallimus in ecclesia diuina cantica Prophetarum, cum ipsi ebrietates suas ad canticum psalmodum humano ingenio compositorum, quasi ad tubas exhortationis inflamment*, “por isso, os donatistas nos repreendem, porque cantamos sobriamente na igreja o divino canto dos profetas, ao passo que eles, se inflamam suas ebriedades com o canto de salmos de composição humana, que os despertam como notas exortativas da trombeta no campo de batalha” (August. *Ep.* 55.18.34).

composição já conhecida e praticada por eles era, verossimilmente, a mais adequada para os mover, propiciando, a partir da acentuação do ritmo frasal reconhecível pela audiência, a facilitação do entendimento e a memorização do versos (VAN GEEST, 2016, p. 25).

### 3. O *Psalmus*

A transmissão do *Psalmus* no *corpus Augustinianum* remonta à *editio princeps* das obras agostinianas completas, publicada na Basileia, em 1506, por Johann Amerbach. O texto, que ocupa pouco mais de sete colunas do terceiro dos onze tomos da edição, começa com o refrão e a primeira estrofe abecedária, mas sem o próêmio.<sup>16</sup> Essa foi a estrutura mantida no tomo VII da edição dos *Theologorum Lovaniensium*,<sup>17</sup> de 1576, e repetida na *Patrologia Latina*, de J.-P Migne, de 1845. O prólogo, porém, referido nas *Retratações* como *proemium causae*, bem como os versos 43 e 213-214 da versão atualmente conhecida do poema, foram incorporados às edições apenas a partir da publicação das descobertas de Cyril Lambot no estudo do *Codex Leiden Vossianus Latinus 69* (LAMBOT, 1935, p. 313-314; BAXTER, 1952, p. 18).

O *Psalmus* revela-se à primeira leitura uma obra simples. Destaca-se o entendimento imediato de seus versos (SPRINGER, 1984, p. 65; VAN GEEST, 2016, p. 25). Evidenciam-se nele marcas de oralidade, como a forma sincopada dos verbos no pretérito perfeito (*exempli gratia*: v. 44, 68, 69), a preferência por sentenças curtas com sintaxe sem complexidade (*passim*), o uso de versos de sentido completo, que facilitam a compreensão do conteúdo, a opção por vocabulário acessível, sem a presença de estrangeirismos e pela ordem regular dos termos das orações (HUNINK, 2011, p. 389). No entanto, essa impressão de simplicidade logo se desfaz, dando a perceber tratar-se de um trabalho elaborado, planejado para o fim específico – a exortação pelo término do cisma –, e voltado a um público determinado – os donatistas da região.

Quanto à estrutura temática, o *Psalmus* é composto de 297 versos, divididos em seções bem definidas, reconhecidas desde a sua primeira análise, feita por Agostinho, nas *Retratações*. O texto inicia-se com o refrão (*hypopsalma*), que se repetirá mais vinte vezes, marcando o início de cada estrofe. Esse estribilho convida a audiência ao julgamento dos fatos, sob a alegação do estabelecimento

<sup>16</sup>Para consulta da *Edictio Princeps* da obra de Agostinho, cf: [https://books.googleusercontent.com/books/content?req=AKW5Qacs78RfNqU3DtLiOmhgAXTVxz8M3YssiGoUH6ZlPbDTBc6bjNPXi4UcUbOlC68YljpzNo0RlFoFrpyvLQKYwfw3sOY8Vlj7CoPvjuZK6z4fwyclo1uy2kZh2e0kjw8SQeCu\\_qpnfim0I220cG92BCS7tkUCqyvZV8WLqACqoyABYlW0ak8b6kgRRVpp52YGb8G95UtwVrDmRrFw9lJf5VFfZX0FQWfvzuXIMRYma3sEn6ie\\_5Suf0BzwKqRIEKiE51cPhdq2losnUUohOMVWmMf4ShwhwtfEeJULp4E3zWEUe7D1k](https://books.googleusercontent.com/books/content?req=AKW5Qacs78RfNqU3DtLiOmhgAXTVxz8M3YssiGoUH6ZlPbDTBc6bjNPXi4UcUbOlC68YljpzNo0RlFoFrpyvLQKYwfw3sOY8Vlj7CoPvjuZK6z4fwyclo1uy2kZh2e0kjw8SQeCu_qpnfim0I220cG92BCS7tkUCqyvZV8WLqACqoyABYlW0ak8b6kgRRVpp52YGb8G95UtwVrDmRrFw9lJf5VFfZX0FQWfvzuXIMRYma3sEn6ie_5Suf0BzwKqRIEKiE51cPhdq2losnUUohOMVWmMf4ShwhwtfEeJULp4E3zWEUe7D1k). Acesso em 28/04/2023.

<sup>17</sup> Para a consulta da edição primeira edição dos Teólogos de Louvain, cf: [https://www.google.com.br/books/edition/Opera/0z4B\\_1f618sC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=aurelius+augustinus+1576+opera&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Opera/0z4B_1f618sC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=aurelius+augustinus+1576+opera&printsec=frontcover). Acesso em 28/04/2023.

da paz. Segue-se um prólogo de cinco versos, que expande o alcance do refrão, para propugnar pelo fim do cisma, representado pela ruptura das vestes alheias e pela destruição da paz. Inicia-se, a partir daí, uma sequência de vinte estrofes de doze versos, começadas, em acróstico, pela sequência das letras do alfabeto, de “A” a “V”. Nessas estrofes, Agostinho descreveu os fatos que levaram à cisão da igreja norte-africana e os eventos que agravaram a crise, até a chegada a seus próprios dias e ao início de sua luta contra os cismáticos. Encerra o *Psalmus* um longo epílogo, construído em forma de prosopopeia da igreja, que suplica pelo término das discórdias (HUNINK, 2011, p. 390). Por fim, há uma breve exortação à unidade dos fiéis.

Quanto à estrutura dos versos, eles apresentam grande irregularidade formal. Porém, valendo-se de todos os recursos da poética clássica para construção sonora, tais como elisões, sínopes, apócopies e sinéreses, Agostinho construiu um eficiente esquema geral de dezesseis sílabas, separadas por uma cesura forte na metade do verso, e com as tônicas realçadas nas posições 7 e 15 (VROOM, 1933, p. 20-27). Essa contagem apenas não se completa no refrão, pela absoluta impossibilidade de ajuste do número de sílabas ao ritmo do restante da obra. Suas dezessete sílabas são rígidas na escansão: nove no primeiro hemistíquio, oito no segundo. Para explicar essa anomalia é robusta a hipótese formulada por Hermanus Vroom, que propôs que a primeira sílaba deveria ser considerada uma marcação rítmica do canto salmódico, com o intuito de convidar os fiéis a entoarem o *hypopsalma* (VROOM, 1933, p. 20-27). Assim, por essa leitura, acompanhada por T. Baxter, a sílaba inicial (*initium*), de natureza prostética, deveria ser pronunciada com melisma, de modo a preparar a audiência para o canto da estrofe seguinte (BAXTER, 1952, p. 21).

#### 4. Agostinho e o verso rítmico

Como até aqui se viu, o *Psalmus* é um dos mais antigos registros literários latinos escritos em versos compostos sob o modelo rítmico acentual. E, para além das razões particulares que provavelmente influenciaram a opção de Agostinho a favor do abandono da métrica clássica nessa obra específica, e que foram relacionadas na seção 3 acima, percebe-se no período a relevância de fatores gerais também capazes de influir nas escolhas, tornando-as, não um fenômeno isolado da criação agostiniana, mas precursoras do sistema de produção poética ocidental a partir do medievo.

O primeiro e mais importante desses fatores foi a perda da capacidade de percepção das quantidades silábicas dos falantes do latim, já desconhecida no final do século IV (BARNES, 1957, p. 215) Atesta-o Agostinho, na *Doutrina Cristã: ubi Afrae aures de correptione vocalium vel productione non iudicant*<sup>18</sup> - “Afinal, os

<sup>18</sup> August. *Doctr. Chr.* 4,10,24.

ouvidos africanos não distinguem uma sílaba breve de uma longa”. E esse fator parece explicar a superficial semelhança rítmica binária entre os hinos ambrosianos – compostos em dímeters jâmbicos, em que os *ictus* coincidem com os acentos naturais das palavras – e os hemistíquios do *Psalmus*, com seu ritmo octossílabo acentual, sonoramente semelhante aos tetrâmetros trocaicos. A forte impressão dos hinos ambrosianos em Agostinho é fartamente atestada no tratado *De Musica* e nas *Confessiones*, e decerto permite a conjectura de que, ao menos em parte, é crível que ele tenha buscado repetir a sonoridade dos versos de Ambrósio. Robustece esta hipótese de uma espécie de emulação da cadência dos hinos ambrosianos feita por Agostinho para os versos métricos do *Psalmus* a condição do tetrâmetro trocaico na literatura latina, usados como *uersus popularis* desde Lívio Andronico e Plauto (SEDGWICK, 1932, p. 98). Sua natureza popular, ajustada às causas particulares já aqui referenciadas, tornam consistente a influência do bispo de Milão também nesse aspecto da produção poética de Agostinho.

Por outro lado, a análise diacrônica da transição do uso do verso quantitativo para o verso acentual, até este se tornar verso cristão por excelência, fornece dados mais acurados para a sua compreensão. O fenômeno foi estudado por William Beare, que compilou três possíveis explicações para a sua origem (BEARE, 1957, p. 210-214).

84

Em uma primeira hipótese, formulada a partir das publicações de Antoine Meillet, que relacionaram os versos gregos e latinos às suas matrizes indo-europeias, a cadência quantitativa métrica seria sua forma originária, natural a todo tronco linguístico; mas essa cadência teria encontrado o seu ocaso em razão do influxo de estrangeiros e bárbaros, não acostumados com às sutis leis melódicas da poética clássica. Por essa interpretação, o ritmo acentual teria substituído a cadência métrica por causa da degeneração prosódica (MEILLET, 1933, p. 244-245).

A segunda hipótese fundamentou-se nas formulações de Frederick Brittain, que propôs a existência de uma cadência rítmica acentual originária para os falantes do latim, constrangida de forma artificial pela importação dos modelos métricos gregos a partir do século II a.C. Nesse sentido, aproveitando-se da natural percepção das quantidades silábicas dos primitivos falantes do latim, os esquemas métricos gregos foram facilmente aceitos, em mais uma assimilação artística helênica feita pelos romanos. No entanto, para Brittain, apesar da eficiência dessa imposição das fórmulas prosódicas métricas na produção poética erudita, a tendência acentual nativa nunca foi extirpada, permanecendo em latente convívio com os modelos métricos helenísticos. Porém, assim que o sistema silábico quantitativo perdeu força, a tendência acentual teria retornado nos versos populares, notadamente nos poemas cristãos. Desse modo,

ao suceder à métrica quantitativa, a poesia rítmica seria, na verdade, um restabelecimento da cadência original do verso latino, também de feição popular (BRITAIN, 1937, p. 1-3).

Por fim, na terceira hipótese, Beare se reportou às teorias de F. Raby, que partira do pressuposto de que esse ritmo nada teria de latino, mas que se trataria de uma inovação inteiramente cristã, trazida com os hinos siríacos, usados pelas igrejas cristãs orientais (RABY, 1953, p. 21; RABY, 1959, p. xii). Esses hinos, de matriz semítica, eram compostos segundo regras acentuais, com a preocupação com o isossilabismo dos versos, com os ornamentos acrósticos, estróficos e de rima (BEARE, 1957, p. 213). Sua primeira ocorrência no ocidente foi atestada por Agostinho nas *Confissões* (9.7.15), durante o cerco ariano à igreja de Ambrósio de Milão:

*Tunc hymni et psalmi ut canerentur secundum morem orientalium partium, ne populus maeroris taedio contabesceret, institutum est; ex illo in hodiernum retentum multis iam ac paene omnibus gregibus tuis et per cetera orbis imitantibus.*

Então, determinou-se que se cantassem os hinos e salmos segundo o costume oriental, para que o povo não se consumisse no langor da tristeza. Desde aquele dia até hoje conservou-se essa prática em quase todos os teus rebanhos, imitada nas outras regiões do orbe.

As referências encontradas nas *Confissões* quanto ao caráter inaugural do canto dos salmos à maneira oriental parecem corroborar a verossimilhança da terceira hipótese apresentada por Beare, ou seja, a da origem estrangeira do ritmo isossilábico-acental que haveria de se estabelecer como hegemônico na produção poética cristã, e, posteriormente, na própria poética ocidental. Portanto, esse poderia ser também, em algum aspecto, mais um fator particular de Agostinho a ser levado em consideração na busca pela gênese do *Psalmus*.

No entanto, apesar de todas as evidências aqui relacionadas do caráter inaugural da poesia rítmica atribuído ao *Psalmus*, não se pode afirmar com certeza que essas inovações tenham, de fato e por si mesmas, se tornado modelo para as novas produções da poesia latina. Aparentemente, só mais de sessenta anos depois registrou-se um novo poema composto segundo essas regras rítmicas acentuais: a epístola poética a Arbogastes, conde de Trier, escrita por Auspício, bispo de Toul, uma obra conhecida pela repetição da sonoridade dos dímeters jâmbicos ambrosianos, por meio de um esquema isossilábico acental (BEARE, 1957, p. 251). Por isso, mesmo reconhecendo o mérito de Agostinho em ser o primeiro a manifestar as tendências que haveriam de se consolidar setecentos anos depois, revela-se mais seguro o considerar na condição de

precursor dessa tendência, e não de iniciador do modo de fazer poético que dominou a literatura ocidental pós-medieval. Como um intérprete arguto de toda a produção intelectual de seu tempo, ele foi, aparentemente, o primeiro a compreender a mudança operada no próprio público ao qual ele se dirigia, e o primeiro a vislumbrar o alcance dessas transformações.

## 5. A tradução

Tendo em vista as características de marcante oralidade já referenciadas no *Psalmus*, somadas à estrutura rítmica dos versos originais, construída pela regular sucessão das sílabas tônicas nos conjuntos de hemistíquios octossílabos completos (acataléticos), com acento nas posições ímpares, e o uso do recurso sonoro da rima no hemistíquio final dos versos, o modelo rítmico utilizado por Agostinho parece levar a uma escolha natural do metro em sua tradução para a língua portuguesa. A cadência binária original, com a sílaba tônica fixa na sétima posição, coincide com a da redondilha maior – um metro já presente nas origens da literatura portuguesa, constante no *Cancioneiro Geral*, e que também se tornou o mais característico ritmo da formação oral da literatura brasileira, divulgado nos primitivos romanceiros, nos provérbios, adágios e ditados (CASCUDO, 1978, p. 350). E foi essa a estrutura de versificação utilizada na presente tradução – a redondilha maior.

86

Entretanto, dada a necessidade de reconstrução sonora do texto final, e dada a preponderância dos infinitivos verbais nas rimas do texto original, escolheu-se o uso de rimas oxítonas em “AR”, o que resultou em versos septissílabos cataléticos, ou seja, sem a sílaba átona final. Além disso, decidiu-se pelo uso do verso octossílabo no primeiro hemistíquio do refrão, em razão da já explicada irregularidade no texto original.

## 6. Texto latino<sup>19</sup>

### PSALMUS CONTRA PARTEM DONATI

Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
Foeda est res causam audire	et personas accipere.
Omnes iniusti non possunt	regnum Dei possidere.
Vestem alienam conscindas	nemo potest tolerare:
5 quanto magis pacem Christi	qui conscindit dignus est morte.
Et quis est ista qui fecit	quaeramus hoc sine errore.
Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.

<sup>19</sup> Texto latino segundo a edição de Lambot (1935).



	Abundantia peccatorum	solet fratres conturbare.
	Propter hoc dominus noster	uoluit nos praemonere
10	comparans regnum caelorum	reticulo misso in mare.
	Congregauit multos pisces	omne genus hinc et inde,
	quos cum traxissent ad litus,	tunc coeperunt separare:
	bonos in uasa miserunt,	reliquos malos in mare.
	Quisquis nouit euangelium,	recognoscat cum timore.
15	Videt reticulum ecclesiam,	uidet hoc saeculum mare;
	genus autem mixtum piscis	iustus est cum peccatore;
	saeculi finis est litus:	tunc est tempus separare;
	qui modo retia ruperunt,	multum dilexerunt mare;
	uasa sunt sedes sanctorum,	quo non possunt peruenire.
20	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
	Bonus auditor fortasse	quaerit qui ruperint rete.
	Homines multum superbi,	qui se iustos dicunt esse.
	Sic fecerunt conscissuram	et altare contra altare.
	Diabolo se tradiderunt,	cum pugnant de traditione
25	et crimen quod commiserunt,	in alios uolunt transferre.
	Ipsi tradiderunt libros	et nos audent accusare,
	ut peius committant scelus	quam quod commiserunt ante.
	Qui possent causam librorum	excusare de timore,
	quo Petrus Christum negauit,	dum terreretur de morte.
30	Modo quo pacto excusabunt	factum altare contra altare?
	Et pace Christi conscissa	ut spem ponant in homine,
	quod persecutio non fecit,	ipsi fecerunt in pace.
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
	Custos noster, deus magne,	tu nos potes liberare
35	a pseudoprophetis istis,	qui nos quaerunt deuorare.
	Maledictum cor lupinum	contegunt ouina pelle.
	Nomen iusti ouina pellis,	schisma est in lupino corde.
	Qui non nouerunt Scripturas,	hos solent circumuenire;
	audiunt enim: "traditores "	et nesciunt quid gestum est ante.
40	Quibus si dicam: "probate ",	non habent quid respondere.
	Suis se dicunt credidisse:	dico ego mentitos esse;
	quia et nos credidimus nostris,	qui uos dicunt tradidisse.

	Vis nosse qui dicant uerum?	Qui manserunt in radice.
	Vis nosse qui dicant falsum?	Qui non sunt in unitate.
45	Olim causa iam finita est.	Quid uos non statis in pace?
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
	Dixerunt maiores nostri	et libros fecerunt inde
	qui tunc causam cognouerunt,	quod recens possent probare.
50	Erant quidam traditores	librorum de sancta lege
	episcopi de Numidia,	et non quilibet de plebe.
	Cum Carthaginem uenissent	episcopum ordinare,
	inuenerunt ordinatum	Caecilianum in sua sede.
	Irati sunt quia non ipsi	potuerunt ordinare.
	Erant Botrus et Caelestius	hostes Caeciliano ualde ,
55	impii, fures, superbi,	de quibus longum est referre.
	Iunxerunt se simul omnes	crimen in illum conflare:
	dicunt ordinatorem eius	sanctos libros tradidisse.
	Sic pacis retia ruperunt,	et errant modo per mare.
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
60	Ecce quam bonum et iucundum	fratres in unum habitare!
	Audite uocem prophetae	ut sitis in unitate.
	Crimen nobis quis probauit	antiquum de traditione?
	Quis obiecit in iudicio?	Qui sederunt iudicare?
	Quibus testibus conuicit?	Quis hoc ausus est firmare?
65	Sed hoc libenter finxerunt,	quod se nouerant fecisse,
	Quia fama iam loquebatur	de librorum traditione.
	Sed qui fecerant latebant	in illa perturbatione.
	Inde alios infamarunt,	ut se ipsos possent celare.
	Per illos ceteri errarunt	principes ex ipsa parte,
70	quia non credere collegis	putauerunt sibi turpe.
	Iam, fratres, finiatur error	et simus in unitate.
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
	Fecerunt quod uoluerunt	tunc in illa caecitate.
	Non iudices consederunt	tot sacerdotes de more
75	quo solent in magnis causis	congregati iudicare,
	non accusator et reus	steterunt in quaestione,

- non testis, non documentum  
sed furor, dolus, tumultus,  
Aut proferte nobis gesta,  
80 Videamus quae res coegit  
Si malus erat sacerdos,  
si non poterat deponi,  
sicut modo toleratis  
qui tot fertis pro furore,
- 85 Omnes qui gaudetis de pace,
- Gaudium magnum esset nobis  
sed si tunc non uisum est uerum uel nunc experti uidete.  
Multos enim nunc habetis prauos, qui uobis displicente ualde:  
nec tamen hos separatis  
90 Non dico de illis peccatis,  
fustes, ignes, mortes dico,  
et tamen suffertis illos  
Quantum erat ut ferrent unum  
si tantus erat tumultus,  
95 Adde quod innocens erat  
sed ne crimen quaereretur,  
finxerunt se nimis iustos,
- Omnes qui gaudetis de pace,
- 100 Honores uanos qui quaerit  
sicut princeps huius mali,  
Nam Donatus tunc uolebat  
tunc iudices transmarinos  
Sed haec tam iusta petitio  
Hoc ipsa ueritas clamat,  
105 Nam consensit imperator,  
sacerdotes qui tunc possent  
Dicta causa, nil probatum est:  
et post collegarum sedem  
Hinc petitio illa probatur  
110 Deinde ubique uictus coepit
- Omnes qui gaudetis de pace,
- quo possent crimen probare,  
qui regnant in falsitate.  
quae in concilio solent esse.  
fieri altare contra altare.  
deponendus erat ante,  
tolerandus intra rete,  
tam multos malos aperte;  
ferretis unum pro pace.
- modo uerum iudicate.
- si tunc nolletis errare;  
quae potestis et negare:  
quae committunt uestri in luce;  
uel errore uel timore.  
patres uestri pro unitate  
ut non possent degradare.  
et nil poterant probare,  
ubi se uidebant esse,  
cum totum uellent turbare.
- modo uerum iudicate.
- non uult cum Christo regnare,  
de cuius uocantur parte.  
Africam totam obtinere;  
petiit ab imperatore.  
non erat de caritate.  
quam uolo modo referre.  
misit qui sederent Romae  
Caecilianum cum illo audire.  
ausus est et appellare  
audiri ab imperatore.  
non esse de caritate.  
christianos rebaptizare.
- modo uerum iudicate.

	Iustitiam sequi si uultis, Quod postea fecit Donatus, Dissentiebant sacerdotes	totam causam cogitate. factum quare non est ante? in tota africana parte:
115	sacerdotes transmarini Quid cucurristis ad schisma ut quod postea iudicatum est, et a iudicibus uestris dum uultis erroris regnum	possent inde iudicare. et altare contra altare, iam non possetis audire cogeremini appellare, quoquo modo confirmare?
120	Et nunc et uos totum nostis, et cum uos ueritas urguet, quasi uos aliquis uetet Sed superbia uos ligauit	sed fingitis uos nescire, patres dicitis errasse, iam recedere ab errore. in cathedra pestilentiae.
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
125	Karitatem Christi qui habet, Vel iam uos populi audite qui non tenetis cathedram, Si modo episcopi uestri haberent inter se litem,	pacem non potest odisse. et nobiscum concordate, pro qua pugnetis iniuste. ex una aliqua regione quos uelletis iudicare
130	nisi alterarum regionum Sed cum discussissent causam numquam communicaretis Quare ergo communicastis Nam et ipsi non consenserunt	qui non essent de ipsa lite? pronuntiarent pro una parte, qui illis nollent consentire. istis qui hoc fecerunt ante? transmarinorum sententiae, nam nobis iunguntur hodie.
135	qui pro nobis iudicarunt; Si iudex Christus hoc dicat,	quid habetis respondere?
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
	Lumen cordis si est in uobis, Sunt preces Donati et acta	uerum potestis uidere. quibus quod dictum est probate.
140	Quae si credere non uultis, Quibus si et nos non credamus Amplectamur ergo pacem. Obicitis traditionem:	uos huc aliqua proferte. erit rixa sine fine. Quid ad nos quod gestum est ante? respondemus uos fecisse.
145	Clamatis uos de Machario Illud nostrum iam transactum Habet paleas area nostra:	et nos de circumcellione. uestri non cessant usque hodie. uos hoc solum uultis esse.

	Vos enim non uultis pacem. et utinam minarentur Hos si expellunt isti uestri	Illi minantur de fuste et non tunderent cotidie. non habent per quos regnare.
150	Omnes qui gaudetis de pace,  Modum si excessit Macharius uel legem regis ferebat Non dico istum nil peccasse, Quis enim praecepit illis 155 Non Christus, non imperator fustes et ignes priuatos Quia scriptum est: reconde gladium, non ut homo non moriatur, et postea moriatur inde, 160 Sed tamen si miserentur Fustes Israeles uocant ut plus uastent ipsum nomen	modo uerum iudicate.  conscriptum in christiana lege, cum pugnaret pro unitate. sed peiores uestros esse. per Africam sic saeuire? haec probatur permisisse, et insaniam sine lege. scelus non putant in fuste sed ut conquassetur ualde iam cruciatus in languore. occidunt et uno fuste. quod deus dixit cum honore, quam corpus quod caedunt inde.
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
165	Nolite nobis iam, fratres, Si crudeles erant illi, si autem falsa de illis dicunt, Nos amemus pacem Christi, Si qui sunt mali in Ecclesia, Si non possunt nobiscum esse, 170 Si non poterunt excludi, Dixit Ezechiel sanctus qui gemunt peccata fratrum Sic nos propter malos fratres quod tunc impii fecerunt 175 ut peiores nunc haberent	tempus Macharii imputare. et nobis displicent ualde; deus potest iudicare. gaudeamus in unitate. non nobis possunt nocere. excludantur salua pace. excludantur uel de corde. quosdam consignatos esse, et non separantur inde. non separemur a matre, extra leuantes altare, quam quos se fingunt fugisse.
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
180	Omnis qui Scripturas legit, Iohannes Baptista dixit quod hos tamquam aream suam 180 Misit in messem operarios	nouit quod uolo aperire. tunc ad Iudaeos aperte, posset Christus uentilare. discipulos praedicare,

per quos area collecta est et uentilata de cruce.  
Tunc iusti tamquam frumentum Ecclesiam impleuerunt caste  
uendentes quae possidebant et mundo dicentes uale.  
Illi tamquam semen erant, quod toto dispersum est orbe  
185 ut alia surgeret messis, quae uentilanda est in fine.  
Haec crescit inter zizania, quia sunt haereses ubique;  
huius palea sunt iniusti, qui non sunt in unitate,  
ex quibus si erat Macharius, nos quid uis rebaptizare?

Omnes qui gaudetis de pace, modo uerum iudicate.

190 Pone in corde areas duas, possis quod dico uidere.  
Certe et prior habebat sanctos, sicut ostendunt scripturae.  
Nam et septem milia uirorum deus se dixit reliquisse,  
et sacerdotes et reges multi iusti sunt in lege.  
Ibi habes tantos prophetas, habes multos et de plebe.  
195 Dic mihi: quis tunc iustorum separauit sibi altare?  
Multa scelera admittebat iniquus populus ille,  
idolis sacrificatum est, tot occisi sunt prophetae,  
et nemo tamen iustorum recessit ab unitate.  
Iusti iniustos sufferebant uenturo uentilatore,  
200 uno templo miscebantur, sed mixti non erant corde,  
dicebant in illos tanta et unum habebant altare.

Omnes qui gaudetis de pace, modo uerum iudicate.

Quid uobis ad haec uidetur? Secunda messis ecclesiae,  
quae per orbem totum crescit, plura debet sustinere.  
205 Habet iam domini exemplum et in Iuda traditore.  
Hunc inter bonos ferebat, hunc misit et praedicare.  
Malus seruus praedicabat, sed Christus erat in fide,  
quia qui iudici credebant non curabant de praecone.  
Quando dedit sanctam cenam, nec tunc illum exclusit inde.  
210 Et posset per illum tradi, etiam si inde exisset ante.  
Sed nobis exemplum datum est malos fratres tolerare,  
ut quando excludi non possunt, solo separemur corde.  
Sed palea quasi aristarum, <sunt> quid superbi ualde,  
quos antequam uentilentur, tempestas rapit de messe.

215 Omnes qui gaudetis de pace, modo uerum iudicate.

- Rogo, respondete nobis,  
Lapsos sacerdotes uestros  
et nemo tamen post illos  
et quoscumque baptizarunt  
220 Quid ab eis acceperunt,  
Legite quomodo adulter  
non enim dicere potest,  
Si sancti soli baptizant,  
Quid calumniamini nobis  
225 qui nondum eramus uel nati  
Et scriptum est peccata patrum ad iustos non pertinere;  
sed nemo dat fructum bonum si praecisus est de uite.
- Omnes qui gaudetis de pace, modo uerum iudicate.
- Scitis catholica quid sit et quid sit praecisum a uite.  
230 Si qui sunt inter uos cauti,  
antequam nimis arescant ueniant, uiuant in radice;  
Ideo non rebaptizamus, iam liberentur ab igne,  
non quia uos sanctos uidemus, sed solam formam tenere,  
quia ipsam formam habet sarmentum quod praecisum est de uite.  
235 Sed quid illis prodest forma,  
Venite, fratres, si uultis si non uiuant de radice?  
Dolor est cum uos uidemus ut inseramini in uite.  
Numerate sacerdotes praecisos ita iacere.  
et in ordine illo patrum uel ab ipsa Petri sede  
240 ipsa est petra quam non uincunt quis cui successit uidete:  
superbae inferorum portae.
- Omnes qui gaudetis de pace, modo uerum iudicate.
- Talis si quis ad te ueniat  
quales illos sanctos uiros  
et tibi dicat: " O frater,  
245 Quid sit ante factum nescio,  
Si me maculat quod nescio, nunc autem sum in Christi fide.  
uultus tuos ecce attendo, tu qualis sis nunc ostende:  
Si me maculat quod nescio, ignoro quid sit in corde.  
et si te credo esse sanctum, tu me maculas fortasse  
250 Si maculat quod nescimus, quibus comunicas uide.  
iam non potes sanctus esse,

	quem maculant tot peccata,	quae committunt uestri occulte.
	Si autem quod nescis non curas,	nec ego quod factum est ante ".
	Et tamen christianum talem	audes tu rebaptizare?
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
255	Vae qui pro cathedris uestris	sic contenditis iniuste.
	Clamatis uos solos sanctos,	aliud dicitis in corde
	quia uidetis et uos multos	malos abundare ubique.
	Numquid dicere potestis:	"Mixti sumus intra rete "?
	Respondetur enim uobis	iam uos illud dirupisse.
260	Neque dicere potestis	paleas uos sustinere;
	iterum enim respondemus:	Hoc fecissetis et ante.
	Non enim peiores erant	illo Iuda traditore,
	cum quo apostoli acceperunt	primum sacramentum cenae,
	cum tanti sceleris reum	inter se iam scirent esse;
265	nec tamen hos inquinabant	sordes in alieno corde.
	Et tamen christianos fratres	audetis rebaptizare.
	Omnes qui gaudetis de pace,	modo uerum iudicate.
	Audite fratres quae dico	et mihi irasci nolite
	quia non sunt falsa quae auditis,	potestis considerare.
270	Quid si ipsa mater ecclesia	uos alloquatur cum pace
	et dicat: " O filii mei,	quid querimini de matre?
	Quare me deseruistis,	iam uolo a uobis audire.
	Accusatis fratres uestros	et ego laceror ualde.
	Quando me premebant gentes,	multa tuli cum dolore.
275	Multi me deseruerunt,	sed fecerunt in timore;
	uos uero nullus coegit	sic contra me rebellare.
	Dicitis mecum uos esse,	sed falsum uidetis esse.
	Ego catholica dicor	et uos de Donati parte.
	Iussit me apostolus Paulus	pro regibus mundi orare;
280	uos inuidetis quod reges	iam sunt in christiana fide.
	Si filii estis, quid doletis,	quia auditae sunt praeces meae?
	Quando enim dona miserunt	noluistis acceptare
	et obliti estis prophetas,	qui illud praedixerunt ante,
	quod gentium reges magni	missuri essent dona ecclesiae.
285	Quae dona cum respuistis,	ostendistis uos non esse
	et Macharium coegistis	suum dolorem uindicare.



	Sed ego quid uobis feci,	mater uestra in toto orbe?
	Expello malos quos possum,	quos non possum cogor ferre.
	Fero illos, donec sanentur,	aut separentur in fine.
290	Vos me quare dimisistis	et crucior de uestra morte?
	Si multum malos odistis	quales habetis uidete.
	Si et uos toleratis malos,	quare non in unitate,
	ubi nemo rebaptizat nec	altare est contra altare?
	Malos tantos toleratis	sed nulla bona mercede
295	quia quod debetis pro Christo,	pro Donato uultis ferre ".
	Cantauimus uobis, fratres,	pacem si uultis audire.
	Venturus est iudex noster:	nos damus, exigit ille.

## 7. Texto traduzido

### Salmo contra a facção de Donato

	Todos a quem a paz alegre,	vinde a verdade julgar.
	É vil ouvir um processo,	e uma facção apoiar.
	Não poderão os injustos	o reino de Deus herdar.
	Que rasgues alheias vestes	ninguém pode tolerar:
5	quanto mais merece a morte	quem de Cristo a paz rasgar.
	E quem essas coisas fez	buscaremos sem errar. <sup>20</sup>
	Todos a quem a paz alegre,	vinde a verdade julgar.
	A abundância dos pecados	faz os irmãos agitar.
	Por isso, Nosso Senhor	decidiu nos avisar;
10	comparou o reino do céu	à rede jogada ao mar. <sup>21</sup>
	Muitas espécies de peixes	congregou num só lugar.
	Quem à praia os arrastou	pôs-se logo a os separar:
	colocou num vaso os bons	e atirou os maus ao mar.
	Quem, porém, leu os Evangelhos	com temor há de notar,
15	há de ver que a rede é a igreja,	e há de ver que o mundo é mar. <sup>22</sup>
	Todos peixes misturados	são os justos e quem pecar;
	o fim do mundo é a praia:	tempo é, então, de joeirar;
	os que romperam a rede	gostavam muito do mar;

<sup>20</sup> Agostinho parece aqui se referir ao erro dos donatistas, diversas vezes apontado no texto.

<sup>21</sup> Cf. Mat. 13, 47-48.

<sup>22</sup> Cf. Mat. 13, 49-50.

o vaso é o trono dos santos, a que nunca irão chegar.

20 Todos a quem a paz alegra, vinde a verdade julgar.

Bom ouvinte indagará quem pôde a rede rasgar;  
foram os homens soberbos que, justos a se julgar,  
provocaram grande cisma, erguendo altar contra altar.  
Ao diabo se encomendaram, quanto à entrega a porfiar;  
25 o crime que cometeram a outros tentaram passar.  
Os que entregaram os livros ousaram nos acusar,  
p'ra que o crime cometido conseguissem agravar;  
e a entrega de tais livros, por medo justificar,  
como Pedro negou Cristo, temendo o fossem matar.<sup>23</sup>

30 De altar contra altar erguerem como, então, vão se exculpar?  
Foi rompida a paz de Cristo p'ra esperança em nós restar?<sup>24</sup>  
A perseguição não pôde o que lograram obrar.

Todos a quem a paz alegra, vinde a verdade julgar.

96 35 Custódio e grande Deus nosso, só tu podes nos livrar  
dos profetas impostores que querem nos devorar.  
Vão o mau coração de lobo com pele ovina forrar.<sup>25</sup>  
Cisma em coração de lobo da pele ovina é o chamar.  
Quem não leu as Escrituras costuma vir atacar;  
sem saber o que antes houve “traidores” vêm falar.  
40 Se eu lhes pedir “comprovai”, não saberão retrucar.  
Se afirmarem fé nos seus; “mentirosos” vou bradar –;  
cremos nos nossos, que dizem que os fostes vós entregar.  
Quereis quem disse a verdade? Quem na raiz se encontrar.  
Quem mentiu? Quem na unidade não mais se consegue achar.  
45 Já há muito a causa acabou. Não quereis em paz estar?

Todos a quem a paz alegra, vinde a verdade julgar.

Disseram nossos mais velhos, fazendo em livros constar,  
os fatos que conheceram e puderam observar.  
Pois quem os livros sagrados achou por bem entregar

<sup>23</sup> Cf. Mat. 26, 70-74.

<sup>24</sup> Cf. Jer. 17,5.

<sup>25</sup> Cf. Mat. 7, 15.

- 50 foram da Numídia os bispos, e não do povo um vulgar.  
Quando a Cartago chegaram para o seu bispo ordenar,  
encontraram já ordenado Ceciliano em seu lugar;  
eles se iraram porque não puderam o ordenar.
- 55 Havia Botro e Celéstio,<sup>26</sup> a Ceciliano odiar,  
furiosos, ímpios, soberbos, dos quais é longo o lembrar.  
Todos se mancomunaram para um crime lhe imputar;  
dizem que quem o ordenou mandou os livros entregar.  
Da paz a rede romperam, e erram agora no mar.
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- 60 Eis como é bom e agradável p'ra os irmãos juntos estar.<sup>27</sup>  
Para ficardes na unidade ide o profeta escutar!  
Quem da entrega o antigo crime contra nós pôde provar?  
Quem nos levou a juízo? Quem se sentou p'ra julgar?  
Que testemunhos mostrou? Quem os ousou confirmar?
- 65 O que sabiam ter feito quiseram nos imputar,  
pois, sobre a entrega dos livros, já era corrente o falar.  
Mas quem o fez se escondeu naquele tumultuar;  
a outros, então, acusaram, querendo se disfarçar.
- 70 Mesmo os chefes da facção co' eles puseram-se a errar,  
pois, não crendo nos colegas, foram torpes se tornar.  
Para a unidade voltarmos, deixemos, irmãos, de errar!
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- Fizeram quanto quiseram naquele não enxergar,  
Não escolheram juízes os padres que usam chamar,  
75 tantos quantos nessas causas reúnem-se p'ra julgar.  
Ao processo não levaram nem réu nem quem o acusar,  
nem testemunho ou escritos que o crime fossem provar,  
só fúria, dolo e tumulto, na falsidade a reinar.  
Mostrai-nos, então, as atas que em concílios se há de achar.
- 80 Vejamos quem o forçou a erguer altar contra altar.

<sup>26</sup> Botro e Celéstio: são apresentados por Optato (1.18) e Agostinho (Psal. 54), sem que nada seja referido quanto à sua condição anterior, a ambicionar o cargo de bispo de Cartago, em substituição a Mensúrio. Com a eleição de Ceciliano, a decepção de Botro e Celéstio os levou a manifestarem sua hostilidade contra o novo bispo, e a pedirem a anulação de sua consagração. (MANDOUZE, 1982, p. 163; 204).

<sup>27</sup> Cf. Sal. 132, 1 (133 Heb.)

	Se ele era um mau sacerdote, mas na rede o tolerassem, como agora tolerais Tolerai um só por paz,	deposto devia estar; se o não podiam tirar, tantos maus, sem ocultar. como a tantos, pelo irar.
85	Todos a quem a paz alegra,	vinde a verdade julgar.
	Grande alegria teríamos Mas, se a verdade não vísseis, Pois tendes muitos agora, Mesmo assim não os impedis	se quisésseis não errar. vinde, expertos, a enxergar. muito a vos desagradar. de convosco comungar.
90	Não falo aqui dos pecados mas de fustes, fogo e morte, E os tolerais ainda assim, Quanto aos vossos pais custava	que poderíeis negar: que ousais, à luz, praticar. por temor ou por errar. pela unidade um deixar,
95	se a confusão impedia Soma-se que era inocente, Pois crime não procuravam mais fingiam serem justos	que o pudessem degradar? nada puderam provar. onde pensavam estar; por quererem perturbar.
98	Todos a quem a paz alegra,	vinde a verdade julgar.
100	Honras vazias quem busca como o líder desse mal Porque Donato queria pediu ao imperador Da caridade, porém, É o que a verdade proclama,	com Cristo não quer reinar, do qual parte veem-se 'star. a África toda ocupar, os juízes de além-mar. não vinha o injusto intentar. e o que eu quero recordar.
105	O imperador consentiu; a Roma, para com ele, Lida a ação, nada provou-se; e, depois de a seus colegas, Da caridade, porém,	mandou prelados chamar Ceciliano escutar. mas ousou-se contestar, ao imperador rogar. não vinha o requisitar.
110	Pôs-se Donato, vencido,	aos cristãos rebatizar.
	Todos a quem a paz alegra,	vinde a verdade julgar.
	Ides buscar a justiça? O que depois fez Donato, Por toda a África estavam	Deveis tudo investigar. por que antes não quis findar? os bispos a discordar;

- 115 só os padres ultramarinos podiam, então, julgar.  
 Por que ao cisma concorrestes, erguendo altar contra altar,  
 para, depois, a sentença recusardes a escutar,  
 e que de vossos juízes exigísseis apelar,  
 a todo custo buscando o reino do erro firmar?
- 120 Tudo agora vós sabeis; porém, fingis ignorar.  
 Pois direis que os pais erraram, se a verdade vos forçar,  
 qual se alguém vos impedisse de não voltardes a errar.  
 Porém, ao trono do mal foi o orgulho vos atar.
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- 125 *Karidade*<sup>28</sup> – o amor de Cristo – tem quem paz não odiar.  
 Ouvi, ó povos: conosco vinde agora concordar.  
 Vós, que não tendes a sé, que, sem jus, quereis tomar,  
 suponde que os vossos bispos em algum outro lugar  
 se inimizassem; quem vós quereríeis p’ra os julgar,  
 130 senão quem, de outro local, não estivesse a altercar?  
 Se uma causa eles julgassem, por uns a deliberar,  
 vós nunca comungaríeis com quem fosse discordar.  
 Então, por que comungais com quem o ousou praticar?  
 Sem dúvida por ter sido a favor nosso o julgar
- 135 feito pelos transmarinos, que a nós vieram se juntar.  
 Se o juiz – Cristo – isso dissesse, como iríeis retrucar?
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- Luz se há em vossos corações, podeis a verdade achar.  
 Preces e Atos de Donato: o que lá está ide olhar.  
 140 Dizei a razão, se não quiserdes acreditar.  
 E se nós também não cremos, não há de a rixa acabar.  
 De que importa o que passou? Vamos a paz abraçar.  
 Vós contestareis a entrega; “Fostes vós”, vamos falar;  
 nós, os circunceliões, vós, Macário ireis mostrar;  
 145 Mas se o nosso já é passado, têm os vossos de passar.  
 Há palhas em nossas eiras, quereis entre elas ficar,  
 já que a paz não procurais – vêm com paus nos assustar.  
 Tomara só ameacem, sem querer nos atacar.

<sup>28</sup> Optou-se aqui pelo uso da letra K, como no original latino, para manutenção da sequência alfabética das estrofes do poema.

Mas se expulsam esses vossos, não têm sobre quem reinar.

150 Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.

Macário, se o ousou, conscrito à lei cristã, se exaltar,  
lutando pela unidade quis a lei régia operar.

Não digo não ter pecado; pudestes os piorar.

Quem, afinal, ordenou-lhes a África assim acostrar?

155 Nem o imperador nem Cristo decerto iriam deixar  
as pauladas, os incêndios e, contra a lei, o aloucar.

Se está escrito “Guarda o gládio”,<sup>29</sup> não veem mal no fuste estar;

a matar não chega o fuste, porém pode derrubar

quem depois há de morrer excruciado de penar.

160 Mas, se têm piedade, matam com o fuste a golpear.

Fustes de Israel os chamam, Deus assim os quis honrar,<sup>30</sup>

pois maltratam mais o nome que o corpo, que vão tombar.

Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.

Não nos deveis de Macário, irmãos, o tempo imputar.

165 Se eles eram cruéis, de fato, muito vamos nos vexar;

se deles dizem mentiras só Deus poderá julgar.

A unidade e a paz de Cristo nós devemos sempre amar.

Se na igreja os maus existem, não podem nos machucar.

Se estar conosco não podem, em paz os vamos tirar;

170 se tirá-los não pudermos, vamos do peito os sacar.

Disse o santo Ezequiel muito assinalado estar

quem pelos pecados chora sem dos irmãos se apartar.<sup>31</sup>

Por maus irmãos não se deve alguém da mãe se afastar,

pois isso os ímpios fizeram, erguendo altar contra altar;

175 piores são do que aqueles dos quais criam escapar.

Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.

O leitor das Escrituras sabe o que intento mostrar.

João Batista, afinal, disse sobre os judeus, sem burlar,

que, tal como em suas eiras, Cristo os ia joeirar.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> Cf. Mat. 26,52.

<sup>30</sup> Cf. Gen. 32,23.

<sup>31</sup> Cf. Ez. 9,4.

<sup>32</sup> Cf. Mt. 3,12.

- 180 Mandou à messe os discípulos, com a missão de pregar;<sup>33</sup>  
as eiras que eles colheram, pôs-se a cruz a as joeirar.  
Como o trigo puro, os justos foram a igreja ocupar,  
venderam tudo o que tinham,<sup>34</sup> para ao mundo adeus falar.  
Eram tais quais a semente deixada em todo lugar,<sup>35</sup>  
185 para crescer nova messe, que alguém há de joeirar.  
Esta cresce entre discórdias, por sempre hereges restar.<sup>36</sup>  
Por não estar na unidade, é a palha quem pecar;  
Macário foi pecador? Por que nos rebatizar?
- Todos a quem a paz alegra, vinde a verdade julgar.
- 190 Põe no coração duas eiras e irás melhor cogitar.  
Na primeira há os santos homens – vão os Livros comprovar.  
Sete mil varões, de fato, Deus disse p’ra si guardar,<sup>37</sup>  
Prelados, reis e homens justos podes na Lei encontrar.  
Tens ali grandes profetas, e de berço popular.  
195 Diz-me, então, se algum dos justos separou p’ra si o altar.  
Muitos crimes cometia esse povo a delirar:  
adorar ídolos falsos,<sup>38</sup> todos profetas matar;  
mas nenhum dos justos quis da unidade se afastar.  
Os bons aos maus toleravam aguardando o joeirar,  
200 misturados num só templo, co’ o coração a apartar;  
muitas coisas lhes diziam, mas tinham u’ único altar.
- Todos a quem a paz alegra, vinde a verdade julgar.
- Qual é vossa impressão disso? A outra messe, a se espraiair  
pelo mundo, ou seja, a igreja, muito haverá de penar.  
205 Cristo e Judas, o traidor,<sup>39</sup> podem exemplificar.  
Jesus o tinha entre os bons e o enviou para pregar.  
O mau servo predicava sem na fé de Cristo estar.  
Porém, quem crê no juiz não vai do arauto cuidar.  
Quando celebrou a Ceia, Jesus não quis o expulsar,<sup>40</sup>

<sup>33</sup> Cf. Mt. 9, 38; Luc. 10,1.

<sup>34</sup> Cf. At. 4,35.

<sup>35</sup> Cf. Mt 13, 24, 30. 37-43.

<sup>36</sup> Cf. Mt 13,26.

<sup>37</sup> Cf. 1 Re 19, 18; Rm 11, 4.

<sup>38</sup> Cf. Mt 23, 29-38

<sup>39</sup> Cf. Mt 10, 4.

<sup>40</sup> Cf. Mt 26, 25.

- 210 pois, mesmo antes de partir, o havia de atraíçoar.  
Porém, nos foi dado o exemplo de os maus irmãos tolerar.  
Se expulsá-los não pudermos vamos do peito os tirar.  
Mas, como as palhas da espiga, os soberbos soem ficar:  
da messe a chuva os arranca antes de Ele os joeirar.
- 215 Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- Rogo, dizei-nos por que vós quereis rebatizar?  
Vossos prelados caídos não deixastes comungar,  
e depois deles ninguém mais ousou rebatizar,  
e os que eles rebatizaram vêm convosco comungar;  
220 o que deles receberam, se nada tinham p'ra dar?  
Lede como a santa Lei manda o adúltero apenar.<sup>41</sup>  
Eles não podem dizer que por medo usam pecar.  
Se só os santos batizam, ide, então, rebatizar.  
Por que a nós, que na unidade 'stamos, vindes difamar?  
225 Na perseguição, nem vivos já podíamos estar.  
Lê-se o pecado dos pais aos justos não alcançar,  
mas ninguém produz bom fruto se alguém da vide o podar.<sup>42</sup>
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- Sabeis o que vêm "católica" e "podado" denotar.  
230 Se entre vós houver prudentes, venham na raiz morar.  
Sejam libertos do fogo antes de muito secar.  
Há na fé um só sinal, não vamos rebatizar.  
E, além disso, não sois santos, tendes só o aparentar;  
o ramo tem sua forma pelo ato de o podar.  
235 Mas de que a forma lhes serve se na raiz não vão morar?  
Vinde, irmãos, p'ra na videira vos poderem enxertar.  
Nós sofremos ao vos ver podados no chão ficar.  
Enumerai os pontífices da sé de Pedro a contar,  
e, nessa ordem dos papas, ide o curso acompanhar.  
240 Essa é a rocha que os portões do inferno não vão tombar.<sup>43</sup>
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.

<sup>41</sup> Cf. Lv 20, 10; Dt 22, 22.

<sup>42</sup> Cf. Dt 24, 16; Ez 18.

<sup>43</sup> Cf. Mt 16, 18.



- Também, se pleno de fé católica alguém chegar  
 como os santos, sobre os quais nós sempre ouvimos contar,  
 e disser-te: “Irmão, por que quereis me rebatizar?  
 245 O que houve não sei, porém vou na fé cristã ficar.  
 Se eu não sei o que me mancha, vem tu, como és, me mostrar.  
 Fito teu rosto, porém, sem coração enxergar.  
 Se eu não sei o que me mancha, talvez sejas tu o manchar,  
 se acredito que tu és santo, vê com quem vais te mesclar.  
 250 Se o que mancha não sabemos, santo não podes estar.  
 Mancham-te todos pecados que os teus usam praticar.  
 Se do que ignoras não cuidas, do que houve não vou cuidar.”  
 E, mesmo assim, a tal cristão ousarás rebatizar?
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- 255 Vós, que pela sede estais injustamente a lutar,  
 bradais que só vós sois santos, com, no peito, outro falar,  
 porque vós, decerto, vedes os maus por todo lugar.  
 “Na rede estamos mesclados” podeis acaso afirmar?  
 Que a rede vós já rompestes nós iremos replicar.  
 260 Que as palhas vós tolerais não podereis retrucar;  
 pois que antes vós não o fizestes também vamos apontar;  
 que eles não eram piores que Judas ireis falar,<sup>44</sup>  
 e os apóstolos com este aceitaram comungar<sup>45</sup>  
 mesmo sabendo que réu ele era de tal pecar.  
 265 Pois, de um alheio coração não os inquinava o sujar.  
 E tu ainda irmãos cristãos ousarás rebatizar?
- Todos a quem a paz alegre, vinde a verdade julgar.
- Ouvi, irmãos: contra mim vós não deveis vos irar,  
 é falsidade o que ouvistes, e bem podeis confirmar.  
 270 E se a própria mãe, a igreja, cheia de paz vos falar:  
 “Filhos meus, por que da mãe tanto estais a vos queixar?  
 E por que me abandonastes quero de vós escutar.  
 Vossos irmãos acusastes sem pejo de me rasgar,  
 Perseguida por gentios padeci muito penar.

<sup>44</sup> Cf. Mt 24, 25.<sup>45</sup> Cf Jo. 13, 22-30

- 275 Abandonaram-me muitos – por imenso recear –;  
contra mim ninguém vos força a virdes vos rebelar.  
Dizeis estardes comigo, mas sabeis que é falso o narrar.  
Católica afirmo ser, dizeis com Donato estar.  
Mandou-me o apóstolo Paulo pelos reis do mundo orar;<sup>46</sup>
- 280 e vós me invejais por reis na cristandade eu contar?  
Por que sofreis – sois meus filhos – por ouvir-se o meu rogar?  
Quando lhes deram presentes, não quisestes aceitar,  
a esquecer-vos dos profetas e de seu profetizar  
que os grandes reis dos gentios dons à igreja iam mandar.<sup>47</sup>
- 285 Recusando os dons, conosco demonstrastes não estar,  
e que obrigastes Macário a vingar o seu penar.  
Eu, no entanto, mãe de todos, o que devo praticar?  
Repilo os maus quando posso; senão, os tenho de aguentar  
até podê-los curar ou, por fim, os apartar.
- 290 Por que vós me abandonastes por vossa morte a chorar?  
Se tanto odiais os maus, quantos haveis ide olhar.  
por que então não na unidade deveis os maus tolerar,  
onde ninguém rebatiza nem ergue altar contra altar?  
Mas, tolerar tantos maus, prêmios não faz conquistar,
- 295 já que o que deveis por Cristo, por Donato ireis pagar.”
- Cantamos p’ra vós a paz se, irmãos, quereis escutar;  
Nosso juiz chegará, daremos o que cobrar.

## REFERÊNCIAS

### Edições dos textos originais latinos

GSELL, Stéphane. *Inscriptions latines de l’Algérie* – tome premier. Paris: Edouard Champion, 1922.

LAMBOT, C. Texte complété et amendé du “*Psalmus contra partem Donati*”. *Revue Bénédictine*, v. 47, p. 312-330, 1935.

MARIUS VICTORINUS. De metris et hexametro commentarius. In: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini – Scriptores artis metricae*. V. 6. Lipsiae: Teubneri, p. 206-215, 1874.

<sup>46</sup> Cf 1 Tm 2, 1-2.

<sup>47</sup> Cf Sl 71, 10 (72 Heb.).

## Textos complementares

BARNES, T. The beginnings of Donatism. **Journal of Theological Studies**, v. 26, p. 13-22, 1975.

BAXTER, J. H. On St. Augustine "Psalmus contra partem Donati". **Sacris Erudiri**, v. 4, p. 18-26, 1952.

BEARE, William. **Latin verse and european song** – a study in accent and rhythm. London: Methuens & Co Ltd, 1957.

BRITTAIN, F. **The medieval latin and romance lyric to A.D. 1300**. Cambridge: Cambridge University, 1937.

CASCUDO, L. da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio/MEC, 1978.

CLARK, Gillian. In Praise of the Wax Candle: Augustine the Poet and Late Latin Literature. In: ELSNER, Jás; LOBATO, Jesús Hernandez (eds.). **The Poetics of Late Latin Literature**. Ed. New York: Oxford University, 2017, p. 424-446.

FITZGERALD, Allan. Circunceliões. In: FITZGERALD, Allan (ed.). **Agostinho através dos tempos** – Uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2019a, p. 232-233.

FITZGERALD, Allan. Retractationes. In: FITZGERALD, Allan (ed.). **Agostinho através dos tempos** – Uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2019b, p. 848-849.

FREND, W. **The Donatist Church** – a movement of protest in roman north Africa. Oxford: Clarendon Press, 1952.

HUNINK, Vincent. Singing together in Church: Augustine's *Psalm against the Donatists*. In: LARDINOIS, André; BLOK, Josine; Van der POEL, M. G. M. (eds.). **Sacred Words: Orality, Literacy and Religion**. Leiden: Brill, 2011, p. 389-402.

LONGOSZ, Stanislaw. El *Theatricum carmen* de Augustín. **Augustinus**, v. 36, p. 181-184, 1991.

MAMMÌ, L. Música, métrica e tempo no pensamento de Agostinho: um projeto. **Cadernos De Trabalho Cepame**, n. 2, v. 2, p. 99-104, 1993.

MANDOUZE, André. **Prosopographie chrétienne du Bas-Empire, 1. Prosopographie de l’Afrique chrétienne (303-533)**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1982.

MARKUS, Robert. Donato/Donatismo. In: FITZGERALD, Allan (ed.). **Agostinho através dos tempos – Uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2019, p. 354-357.

MEILLET, Antoine. **Esquisse d’une histoire de la langue latine**. Cambridge: Cambridge University, 1933.

NODES, Daniel. The Organization of Augustine’s *Psalmus contra Partem Donati. Vigiliae Christianae*, v. 63 p. 390-408, 2009.

RABY, F. **A History of Cristian-Latin Poetry**. Oxford: Oxford University, 1953.

RABY, F. **The Oxford Book of Medieval Latin Verse**. Oxford: Oxford University, 1959.

ROSE, H. St Augustine as forerunner of medieval hymnology. **The Journal of Theological Studies**. V. 28, p. 383-392, 1927.

SEDGWICK, W. The trochaic tetrameter and the *versus popularis* in Latin. **Greece and Rome**, v. 1, n. 2, p. 96-106, 1932.

SHAW, Brent. **Sacred Violence – African Christians and Sectarian Hatred in the Age of Augustine**. Cambridge: Cambridge University, 2011.

SPRINGER, Carl. The artistry of Augustine’s *Psalmus contra partem Donati*. **Augustinian Studies**, v. 16, p. 65-74, 1984.

TILLEY, Maureen. **Donatist Martyr Stories – the church in conflict in Roman north Africa**. Liverpool: Liverpool University, 1996.

VAN GEEST, Paul. Space in coercive poetry. Augustine’s *Psalm Against the Donatists* and his interpretation of the fear of God in *Enarrationes in Psalmos*. **Perichoresis**, v. 14, n. 2, p. 21-37, 2016.

VROOM, Hermanus. **Le psaume abécédaire de Saint Augustin et la poesie latine rhythimique**. Nijmegen: Dekker & Van de Vegt, 1933.

WHITEHOUSE, John. The Course of the Donatist Schism in Late Roman North Africa. In: MILES, Richard (ed.). **The Donatist Schism** – Controversy and Contexts. Liverpool: Liverpool University, 2016, p. 13-33.

Data de envio: 10/05/2023

Data de aprovação: 16/10/2023

Data de publicação: 15/12/2023